

PROTESTANTISMO E MODERNIDADE: CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS

PROTESTANTISM AND MODERNITY: CRITICAL CONSIDERATIONS

*Carlos Ribeiro Caldas Filho**

RESUMO

As relações entre a Reforma Protestante e a modernidade no Ocidente já têm sido observadas por diversos teóricos, particularmente historiadores e sociólogos. O presente artigo pretende apresentar aspectos de algumas destas contribuições do protestantismo para o florescer da modernidade ocidental. Por conseguinte, a pergunta que o presente artigo pretende responder é: em que exatamente se constitui esta colaboração do protestantismo para com a modernidade? Doutrinas caracteristicamente protestantes têm algum tipo de implicação que vá além do religioso? Em outras palavras, há implicações sociais, políticas, econômicas, psicológicas, simbólicas ou culturais que são advindas de doutrinas? Partindo do pressuposto que a resposta para a pergunta inicial é afirmativa, este artigo apresentará, posto que em síntese algumas destas relações, e o fará em perspectiva crítica, ou seja, sem intenção laudatória ou encomiástica quanto ao protestantismo, e, ao mesmo tempo, sem intenção iconoclasta que visa uma desconstrução do fenômeno protestante como um fim em si.

Palavras chaves: Protestantismo. Modernidade. Religião e sociedade. Subjetividade.

ABSTRACT

The relationship between the Protestant Reformation and modernity in the West have been the subject of consideration of many scholars, particularly historians and sociologists. This

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, com pós-doutorado em Teologia (PNPD-CAPES) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1677881528942460>. E-mail: rcaldas2009@hotmail.com.

article intends to present some aspects of some of these contributions of Protestantism to the bloom of Westerner modernity of the West. Therefore, the question this article wants to respond is: what is exactly the collaboration of Protestantism to modernity? Does typically Protestant doctrines have implications that go beyond the religious? In other words: are there social, political, economic, psychological, symbolic or cultural implications that come from these doctrines? Taking the presupposition that the answer to that question is an affirmative one, this article will present, even though only as a brief, some of these relationships, and will do this in a critical perspective, that is, with no laudatory intention regarding Protestantism and, at the same time, with no iconoclastic purpose of a deconstruction of Protestant phenomenon as an end in itself.

Keywords: Protestantism, modernity, religion and society, subjectivity

INTRODUÇÃO

No ano do quinto centenário do movimento reformista religioso iniciado por Martinho (ou Martim) Lutero, eventos, acadêmicos e eclesiásticos, estão sendo realizados em toda parte. O movimento, que passou para a história com o nome de Reforma Protestante, é visto/interpretado de diferentes maneiras. Para alguns, foi um cisma que feriu de morte a unidade do cristianismo no Ocidente¹. Para outros, foi um movimento que pavimentou o caminho para diferentes aspectos da modernidade no Ocidente. Esta segunda perspectiva será a privilegiada nesta apresentação.

A Reforma surge em um momento de transição na história, um *turning point*, no qual Idade Média e Idade Moderna coexistem, a primeira, como que em seus estertores de morte, e a segunda, em dores de parto. Isto fará com que tensões aconteçam². Desta maneira, encontramos uma circunstância que é, no mínimo, curiosa: Lutero, um

¹ Esta é a perspectiva católica tradicionalista, defendida por exemplo, pelo apologista católico Felipe Aquilo. Quanto a isto, consultar, inter alia, <https://blog.cancaonova.com/felipeaquilo/2017/01/31/adoutrina-protestante/#more-17900> [acesso: 31 out 2017]. O que este tipo de argumentação não leva em conta é que Lutero queria o que muitos antes dele queriam, isto é, não um cisma, mas uma *reforma*, além de também não considerar que cisma propriamente no cristianismo já ocorrera, em 1054, com a cisão que dividiu o cristianismo romano ocidental do cristianismo ortodoxo oriental.

² Neste sentido, o tempo de Lutero é semelhante ao nosso, em que modernidade e pós-modernidade (ou hipermodernidade) ou modernidade tardia coexistem: a modernidade está em crise e esvaziada, mas não desapareceu por completo, e ao mesmo tempo já se pode “escutar os sinais” (parafrazeando Alceu Valença) da assim chamada pós-modernidade (seja lá o que for que esta expressão realmente signifique). Isto inevitavelmente fará com que tensões surjam.



homem medieval, que, certamente sem disto ter consciência, pavimentou o caminho para o que se convencionou chamar de *modernidade*³.

A este respeito, vale lembrar o que a acadêmica britânica Karen Armstrong, especialista em história das religiões, afirmou:

[...] o deixar a Igreja Romana, os reformadores faziam uma das primeiras declarações de independência da modernidade Ocidental (2016, p. 261).

Esta mesma linha de raciocínio é seguida pelo historiador italiano Adriano Prosperi, em uma biografia recente de Lutero (PROSPERI, 2017). Prosperi apresenta, com riqueza de detalhes, o paradoxo de Lutero, homem a um só tempo arcaico e moderno, conservador e revolucionário. Portanto, antecipando já a conclusão na introdução: o protestantismo, a despeito de ter nascido em berço medieval, legou ao mundo uma herança moderna, em diferentes aspectos e setores. É o que será apresentado na sequência. Para tanto, serão apresentadas três das chamadas bandeiras da Reforma, iniciadas pela palavra latina *Sola* (“só”, “somente” ou “apenas”)⁴, e implicações simbólicas, culturais, sociais, políticas e econômicas daí advindas, que, conforme já apresentado, pavimentarão o caminho para a modernidade no Ocidente.

³ Outros reformadores, como Zwinglio e Calvino, já foram formados de acordo com os princípios do programa humanista. Lutero, em contraste, foi inteiramente formado dentro do paradigma medieval. Isto explicará, dentre outras coisas, porque Lutero fala tanto no diabo e no inferno, temas que não serão tão presentes em outros reformadores. Quanto a esta questão da “medievalidade” de Lutero, a obra definitiva continua sendo a de OBERMAN (1992).

⁴ As bandeiras, ou simplesmente, *Solas* da Reforma, são lemas propostos por Lutero, em número de quatro: *Sola gratia* (“só a graça”), *Sola fide* (“só a fé”), *Sola Scriptura* (“Só as Escrituras”) e *Solus Christus* (“Só Cristo”; algumas vezes encontra-se a forma *Solo Christo*). Estes lemas foram propostos no contexto da polêmica de Lutero com o ensinamento oficial da igreja de seu tempo quanto à soteriologia, isto é, a doutrina da salvação. São contrapontos propostos por Lutero à compreensão medieval do processo da experiência da salvação: contra a compreensão de méritos humanos que seriam conquistados pela prática de boas obras, Lutero apresenta o *Sola fide*; contra a compreensão que seria possível comprar o perdão divino pela aquisição das indulgências vendidas pela Igreja, Lutero apresenta o *Sola gratia*; contra a compreensão que Escrituras (=Bíblia), Magistério e Tradição seriam fontes informadoras da teologia, Lutero apresenta o *Sola Scriptura*, e contra a compreensão que haveria muitos mediadores e intercessores entre Deus e o homem, Lutero apresenta o *Solus Christus*.



1. SOLA FIDE E A RELATIVIZAÇÃO DO PODER ECLESIAÍSTICO

O mundo de Lutero, no qual a Reforma nascerá, é aquele em que a instituição eclesiástica tem o *potestas clavium*, o “poder das chaves”, com base na interpretação do texto de Mateus 16.19, em que Jesus diz a Pedro: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus”. A tradição católica, desde a Idade Média, entendendo ser o Papa de Roma o herdeiro e sucessor de Pedro, vai desenvolver uma compreensão de ser o Pontífice Romano detentor da chave do poder temporal e do poder espiritual⁵. Com isto, o Papa poderia remover e estabelecer reis. A autoridade papal era inquestionável até para os monarcas, muito mais para clérigos e para a gente simples e comum do povo. Ninguém na sociedade medieval, nem no mais lindo e delirante de seus sonhos, ousaria enfrentar tanto poder.

Via de consequência, a igreja, enquanto instituição eclesiástica é apresentada como mediadora entre Deus e os homens. A experiência da salvação só acontecerá pela intermediação dos sacerdotes e pela participação nos sacramentos da igreja, o conhecido “setenário medieval”: batismo, crisma (confirmação), eucaristia, reconciliação (penitência), matrimônio, ordem (ordenação sacerdotal) e unção dos enfermos (extrema unção). O Catecismo da Igreja Católica em suas pergunta e resposta 250 assim classifica o setenário sacramental:

250. Como agrupar os sacramentos da Igreja?
1210-1211

Em: sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia); sacramentos da cura (Penitência e Unção dos enfermos); sacramentos ao serviço da comunhão e da missão (Ordem e Matrimônio). Os sacramentos tocam todas as etapas e momentos importantes da vida cristã. Todos os sacramentos estão ordenados para a Eucaristia «como para o seu fim» (S. Tomás de Aquino)⁶.

Outro fator que muito ajudou a empoderar a igreja enquanto instituição a conhecida frase de Cipriano de Cartago (200-258): *extra ecclesia nulla salus*, “fora da igreja não

⁵Power of the Keys. *Catholic Encyclopedia*. New Advent. Disponível em <<http://www.newadvent.org/cathen/08631b.htm>> Acesso: 01 nov 2017.

⁶*Catecismo da Igreja Católica*. Compendio. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em <[http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html#OS SE TE SACRAMENTOS DA IGREJA](http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html#OS%20SETE%20SACRAMENTOS%20DA%20IGREJA)>. Acesso em 01 nov 2017.



há salvação”. Em seu tratado *De catholica ecclesia unitate* (“Sobre a unidade da igreja católica”) Cipriano argumenta com clareza meridiana sobre a importância única da igreja no plano de salvação humana. O Magistério romano posterior seguirá esta mesma linha: no século XII, o Papa Inocêncio III, opondo-se aos valdenses, dirá que “com o coração cremos e com a boca professamos uma só Igreja, não de hereges, mas a santa, Romana, católica e apostólica, fora da qual nós cremos que ninguém se salva” (DENZINGER, 2007, p. 792). O Papa Eugênio IV em sua bula *Cantate Domino*, no Concílio de Florença (1442) afirmará:

A Igreja crê firmemente, confessa e anuncia que ‘nenhum dos que estão fora da Igreja católica, não só os pagãos’, mas também os judeus ou hereges e cismáticos, poderá chegar à vida eterna, mas irão para o fogo eterno ‘preparado para o diabo e para os seus anjos’ (Mt 25,41), se antes da morte não tiverem sido a ela reunidos; [ela crê] tão importante a unidade do corpo da Igreja, que só para aqueles que nela perseveraram os sacramentos da Igreja trazem a salvação e os jejuns, as outras obras de piedade e os exercícios da milícia cristã podem obter a recompensa eterna. ‘Nenhum, por mais esmolas que tenha dado, e mesmo que tenha derramado o sangue pelo nome de Cristo, poderá ser salvo se não permanecer no seio e na unidade da Igreja Católica (DENZINGER, 2007, p. 1351).

Portanto, no tempo de Lutero já estava mais que cristalizada a compreensão da igreja como mediadora e portadora da salvação. Levava-se muito a sério outro dito famoso de Cipriano: “não pode chamar a Deus de Pai quem não tem a Igreja como mãe”⁷. Tendo todo este pano de fundo, é impressionante que um monge, como iguais a ele havia literalmente milhares na época, ousou propor algo diferente.

Ao propor o lema *Sola fide*, Lutero propõe uma relativização do poder eclesiástico. Pois é pela fé que o indivíduo, o cidadão comum, independentemente de ser rico ou pobre, doutor ou analfabeto, homem ou mulher, jovem ou velho, se coloca diante de Deus para ter a experiência da salvação. Tal ousadia é permitida ao homem “pela fé”. Desta maneira, a autonomia do indivíduo é afirmada. A autonomia do indivíduo é uma das marcas registradas da mentalidade moderna. A subjetividade moderna se firma a

⁷ A citação completa de Cipriano é: “ Não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja por mãe. Como ninguém se pôde salvar fora da arca de Noé, assim ninguém se salva fora da Igreja”. SÃO CIPRIANO DE CARTAGO. *Sobre a unidade da Igreja*. Ecclesia. Disponível em <https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_cipriano_sobre_a_unidade.html#6 > Acesso: 01 nov 2017



partir do brado *Sola fide* de Lutero. O *Sola fide* vai exaltar a liberdade do *Christenmensch*, o “cristão” (literalmente, “homem cristão”), liberdade que deverá se traduzir na prática do amor ao próximo. Este conceito de liberdade será importante para a compreensão da antropologia moderna, porque dará base para a compreensão de individualidade que se tem na modernidade. A partir de Lutero e seu *Sola fide* é o sujeito que tem prioridade, e não mais a instituição eclesiástica, com sua estrutura, não raro pesada.

Daí será importante para o protestantismo a ideia de *conversão*. A ideia certamente era conhecida desde a antiguidade, tendo como grandes paradigmas as experiências de Saulo de Tarso na estrada de Damasco e a transformação de Agostinho. O próprio Lutero terá sua própria narrativa de conversão, dramática, diga-se de passagem. O protestantismo então mudará o eixo da experiência religiosa na tradição judaico-cristã: nos tempos do Antigo Testamento, no centro desta experiência está o povo, a coletividade. O protestantismo colocará o indivíduo, que se situa como sujeito de sua própria experiência diante de Deus. Antonio Gouvea Mendonça assinalou a respeito da compreensão protestante de conversão, em relação com a modernidade:

O conceito de conversão individual desenvolveu-se no protestantismo no bojo do processo de industrialização, primeiro na Inglaterra do século XVIII, com o movimento metodista de João Wesley e depois com a formação da civilização norte-americana, no interior do mito do progresso, e por intermédio dos Grandes Despertamentos (MENDONÇA, 1997, p. 123).

Concluindo: o lema *Sola fide* prepara o caminho para a compreensão antropológica da modernidade. Se na pré-modernidade a individualidade e a subjetividade estão em estado de opacidade, por assim dizer, na modernidade, devido ao influxo do princípio protestante *Sola fide*, individualidade e subjetividade ganham clareza e destaque.

Outras consequências surgiriam, a médio e longo prazo. Uma destas teve lugar no plano político⁸: ao enfraquecer o até então inquestionável poder da instituição eclesiástica, o *Sola fide* luterano acabará por fortalecer o Estado moderno secularizado, uma das principais características da modernidade ocidental na questão política (PERRY, 2002, p. 244).

⁸ Comentar-se-á com mais detalhes adiante nesta comunicação sobre o tema da política.



2. SOLA SCRIPTURA E A MODERNIDADE NA EDUCAÇÃO

O lema luterano *Sola Scriptura*, tal como mencionado brevemente acima, surge no contexto da polêmica envolvendo a questão das fontes da teologia. O catolicismo medieval fala em uma fonte tríplice: Bíblia, Tradição e Magistério. Desta maneira, se algo não está na Bíblia, mas se é afirmado pela tradição, ou se é ensinado oficialmente pelo Magistério, tem peso igual (ou até superior) ao das Escrituras. Lutero entenderá esta questão em termos de *Sola Scriptura* – “Somente a Escritura”. As Escrituras estão acima da Tradição e do Magistério. No tempo de Lutero ainda não havia o conceito do ensinamento papal *ex cathedra* (tal conceito só viria a ser formulado no Concílio Vaticano I, em 1870, no papado de Pio IX), mas se existisse, o reformador com certeza o rejeitaria, com base no princípio *Sola Scriptura*.

Há que se lembrar que Lutero foi o responsável pela tradução do Novo Testamento para o alemão, rompendo assim com a tradição milenar de leitura da Bíblia só na versão em latim da Vulgata de Jerônimo. Lutero não fora o pioneiro na proposta de tradução da Bíblia nas línguas vernáculas. Antes dele, o inglês John Wycliffe (c.1328-1384), a “Estrela Dalva da Reforma”, traduzira a Bíblia para o inglês. A grande diferença é que enquanto Wycliffe tomou por base a Vulgata, Lutero usou a edição do Novo Testamento publicada por Erasmo de Roterdã em 1519, versão conhecida como *Textus Receptus*. A *Lutherbibel*, “Bíblia de Lutero”, abriu o caminho para que a Bíblia fosse traduzida em praticamente todas as línguas europeias.

Grandes implicações sociais, ou mais acertadamente, educacionais, tiveram lugar como consequência direta do *Sola Scriptura*. Um destes, o aumento considerável nos índices de alfabetização na Europa. Até a Reforma os índices de analfabetismo no continente europeu eram muito altos. Mas como resultado da bandeira *Sola Scriptura*, que dá grande importância à Bíblia, na liturgia e na prática pastoral, aumenta o interesse pela alfabetização. Afinal, era preciso saber ler para ler a Bíblia. Esta afirmação, por mais tautológica que pareça, é lógica. Isto fez com que fossem organizadas escolas em todas as nações que abraçaram o movimento reformador. O próprio Lutero cobrou das autoridades alemãs a organização de escolas. Isto está explícito em seu *Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas cristãs*, de 1524 e em seu *Sermão sobre o dever de enviar*



crianças à escola, de 1530. A proposta de educação pública de Lutero era uma novidade total em sua época. Pode-se concluir daí que a Reforma foi a responsável pelo moderno sistema de educação pública. Por esta razão, Frederick Eby, historiador da educação, afirmou que “Lutero merece, daqui em diante, ser reconhecido como o maior dos reformadores, não só religiosos, como educacionais” (EBY, 1962, p. 57). O próprio Lutero afirmou na citada carta aos *conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas cristãs que Erziehung ist ein weltlich Ding* (“educação é algo/uma coisa deste mundo”) (Apud VOLKMANN, 1984). No prefácio ao seu *Catecismo Menor*, de 1529, Lutero afirmou:

Aqui também deves insistir particularmente com as autoridades e os pais, para que governem bem e levem os filhos à escola, mostrando-lhes porque é sua obrigação fazê-lo e que pecado maldito cometem se não o fazem⁹

Este princípio produziu um avanço muito grande na educação na Europa e, posteriormente, também no Brasil. Pensando primeiramente em termos de Europa, há que se lembrar da influência protestante na proposta pedagógica da *pansofia* – “ensinar tudo a todos” – de João Amós Comênio¹⁰ (1592-1670), tido como o “pai da pedagogia moderna”. Sem entrar no detalhamento do modelo pedagógico proposto por Comênio, não se pode ignorar o fato que ele foi virtualmente o primeiro a sugerir uma proposta educacional diferente do modelo do *trivium* (lógica, gramática e retórica) e *quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia) medievais, baseados na lógica aristotélica. Há quem critique a pedagogia comeniana por julgá-la utilitarista demais. Mas não se poderá negar que Comênio teve um papel importante na pedagogia moderna¹¹.

O protestantismo veio a exercer grande influência na educação no Brasil. Com a inserção em definitivo do protestantismo no país em meados do século XIX¹² o chamado “protestantismo de missão” (aquele que veio com intenção de converter

⁹ LUTERO, *Catecismo Menor*.

¹⁰ Esta é a forma aportuguesada do nome checo Jan Amos Komensky. A forma latinizada do mesmo nome é Iohannes Amos Comenius.

¹¹ Para detalhes, consultar COMENIUS (2011), LOPES (2003; 2015).

¹² Antes do século XIX houve duas tentativas frustradas de inserção do protestantismo no Brasil: a primeira, pelos franceses no Rio de Janeiro, em meados do século XVI (a *França Antártica*) e a segunda, pelos holandeses em Pernambuco (o *Brasil Holandês*), experiência de vida pouco mais longa, de 1630 a 1654.



nacionais) teve grande preocupação em modernizar a sociedade, e, para tanto, a educação foi o caminho escolhido. Tome-se como exemplo o caso da Escola Americana (atual Colégio Mackenzie), que iniciou suas atividades na Capital de São Paulo em 1870, a partir da atividade do casal George e Mary Ann Chamberlain, missionários presbiterianos procedentes dos Estados Unidos: a escola foi pioneira em matricular crianças escravas e livres, brancas e negras, meninos e meninas. Em 1878 aquela foi a primeira do Brasil a oferecer educação física, e em 1893 o professor Augustus Shaw traz o basquete para o país.

Resumindo: o princípio *Sola Scriptura* teve implicações na modernidade não apenas religiosas, mas também sociais, particularmente no campo da educação.

3. SOLA GRATIA E O PRINCÍPIO DA IGUALDADE HUMANA

A questão da igualdade humana é um dos pilares da modernidade ocidental. O pressuposto básico deste princípio é que todos são iguais. É um dos princípios basilares do direito, por exemplo: todos são iguais perante a lei. O princípio moderno da igualdade humana foi uma novidade em comparação com a Idade Média, que conhecia uma sociedade estratificada, ancorada teoricamente nos princípios aristotélicos da identidade (algo é o que é, logo, o servo é servo, o rei é rei) e da não contradição (algo não pode ser o que não é, logo, o servo, por definição inferior, nunca poderá ser outra coisa a não ser servo). A compreensão moderna da igualdade humana modificará para sempre a compreensão medieval de uma sociedade em que uns são mais e melhores que outros.

Em nível de senso comum atribui-se a origem do princípio da igualdade humana na modernidade aos pressupostos iluministas da Revolução Francesa de 1789, especialmente através de seu conhecido lema *Liberté, Egalité, Fraternité* (“Liberdade, igualdade, fraternidade”). Só que a origem da compreensão que se tem na modernidade que todos os seres humanos são iguais pode ser encontrada quase três séculos antes, no princípio luterano *Sola gratia*. Para entender esta relação é preciso lembrar que Lutero era da OSA, a Ordem de Santo Agostinho. Como monge agostiniano, conhecia bem os escritos de Agostinho de Hipona que, não por mero acaso, recebeu o epíteto de *Doctor gratiae*, “Doutor da graça”. Na famosa definição



dada por Agostinho ao dogma cristão da graça, esta é *favor não merecido*. Não há da parte dos homens nenhum mérito que os faça conquistar o favor divino. A graça é de graça... Na compreensão cristã, a experiência de salvação é entendida como dom gratuito da parte de Deus, não como uma conquista do esforço humano.

Lutero soube aplicar a teologia agostiniana em sua própria proposta teológica. Tal como já afirmado, as bandeiras da Reforma foram propostas por Lutero em sua controvérsia com o ensino medieval quanto ao tema soteriológico, isto é, a experiência da salvação. Contra o ensino das indulgências, documentos vendidos pelas autoridades eclesiásticas que, conforme o ensino da época, garantiriam o perdão divino, Lutero, ecoando sua principal referência teológica, dirá que a salvação acontece pela graça somente. Em *Eynn Sermon von dem Ablass und gnade durch den wirdigenn doctornn Martinum Luther Augustiner tzu Wittenbergk* (“Um sermão sobre a indulgência e a graça pelo Mui Digno Doutor Martinho Lutero, Agostiniano de Wittenberg”), de 1518, Lutero afirmou: “Incorre em grave erro quem pretende fazer satisfação por seus pecados, pois Deus os perdoa a toda hora grátis, por graça inestimável” (LUTERO, 1987, p. 33).

A base teológica moderna para o princípio da igualdade entre todos os homens também se encontra na famosa doutrina luterana do *sacerdócio universal de todos os crentes*. Esta doutrina aparece em *An den christlichen Adel deutscher Nation von des christlichen Standes Besserung* (“À nobreza cristã da nação alemã sobre a melhoria do Estado cristão”), texto contundente de 1520 no qual Lutero critica fortemente a autoridade papal (LUTERO, 1984, p. 76-88). Uma das críticas é baseada justamente na compreensão que todos são iguais diante de Deus, não sendo possível criar uma casta clerical e outra laica. Todos são iguais diante de Deus.

4. O PROTESTANTISMO E A MODERNIDADE NA POLÍTICA

O protestantismo também teve influência na modernidade no que diz respeito à política. Pelo menos dois pontos quanto a este tópico podem ser mencionados:

Protestantismo e o modelo político federalista – Durante séculos a Europa conheceu um único modelo político, a saber, o monárquico, apoiado pela teoria do



direito divino dos reis. Em geral atribui-se a origem da quebra do princípio do modelo monárquico absolutista à Revolução Francesa. Mas há uma raiz remota de crítica ao modelo monárquico absolutista e a proposta alternativa de um regime federalista na teologia política protestante, particularmente a formulada por Johannes Althusius (1563-1638), teólogo alemão de linha calvinista. Em *Política*, publicado originalmente em 1603¹³, Althusius, a partir de sua leitura do Antigo Testamento, propõe um modelo federalista de governo¹⁴ (ALTHUSIUS, 2003). Se levar-se em conta que a maioria das nações modernas segue um modelo federalista republicano¹⁵ será possível ter uma noção da importância desta proposta política, que tem origem na teologia protestante.

Althusius propôs também a noção de soberania popular, noção inexistente na pré-modernidade. Esta ideia é igualmente importante na compreensão política da modernidade.

Protestantismo e o princípio de resistência ao Estado tirano – Outra contribuição do protestantismo para a modernidade no terreno da política está na sugestão da ideia de possibilidade de resistência ao Estado tirano. Em outras palavras: o Estado não é absoluto, e como tal, pode ser resistido. É bem verdade que Lutero e Calvino, os reformadores magisteriais¹⁶, foram um tanto tímidos em suas críticas às autoridades políticas de seu tempo. Pois ambos dependiam de apoio político, e por isso mesmo foram extremamente cuidadosos ao tratar de qualquer tema que tivesse a ver com política. Lutero não teve para com as autoridades políticas de seu tempo a mesma intensidade de crítica que teve para com as autoridades eclesiásticas. Calvino, de

¹³ O título completo da obra é *Politica methodice digesta, atque exemplis sacris et prophanis illustrata* ("a política metodicamente concebida e ilustrada com exemplos sagrados e profanos").

¹⁴ No século XX o biblista alemão Martin Noth propôs a expressão *anfitionia* (uma liga de povos na Grécia, anterior ao surgimento da *pólis*) para se referir à liga das tribos do Israel clássico, no período pré-monárquico.

¹⁵ Brasil, Estados Unidos, Canadá e Índia são apenas alguns exemplos de Estados modernos que seguem o modelo político federalista republicano.

¹⁶ É comum estabelecer-se diferença entre *Reforma Magisterial* e *Reforma Radical*. A primeira engloba as alas luterana, reformada (popularmente conhecida como calvinista) e anglicana, e a segunda, a ala anabatista (das igrejas de tradição menonita e huterita). A Reforma Magisterial é assim chamada por conta da compreensão de seus líderes quanto ao relacionamento (bastante próximo) entre a igreja e a autoridade política secular (= magistrado). Já a Radical é assim chamada por conta de sua compreensão radical de alguns princípios, dentre estes, o de separação entre igreja e estado. A expressão "Reforma Radical" foi cunhada pelo historiador George Huntson Williams (2000). O historiador Roland Bainton (1941, p. 121-134) denominou o movimento anabatista de "a ala esquerda da Reforma".



igual maneira, foi também bastante discreto neste sentido. Não obstante, em Calvino encontra-se uma contribuição para a modernidade no campo da política que se traduz em dois pontos: primeiro, o que pode ser considerado como uma teologia pública *avant la lettre* (CALDAS FILHO, 2009, p. 4-22). Nesta teologia pública há bastante espaço para a ética social, uma macroética, pro assim dizer. Calvino apresenta princípios para os governantes, com destaque para suas exortações a que os governantes sejam sensíveis para com os mais pobres, desvalidos e frágeis na sociedade. Um exemplo: comentando o Salmo 94.5-6 que diz: “Esmagam o teu povo, Senhor, e oprimem a tua herança. Matam a viúva e o estrangeiro, e aos órfãos assassinam”, Calvino critica as autoridades que maltratam os pobres, dizendo que não dar atenção aos pobres e despossuídos (a clássica tríade “o órfão, a viúva e o estrangeiro”, citada no texto bíblico comentado por Calvino) é atitude que revela um grau singular de crueldade e desprezo pela autoridade divina” (CALDAS, 2009, p. 16). Em segundo lugar, encontra-se em Calvino, em germe, o que Silvestre (2008) chama de “potencial revolucionário”: uma teologia política, que relativiza o direito divino dos reis, apresentando-os como sujeitos e submissos às leis de Deus, tanto quanto os cidadãos comuns. Em Calvino encontra-se a semente que florescerá nos calvinistas puritanos britânicos do século seguinte, e providenciou a base teórica para a Revolução Inglesa (HILL, 1983; ARRUDA, 1984). Se o governante se torna iníquo e tirano, o povo poderá manifestar-lhe resistência. Se as autoridades políticas não são fieis ao Soberano supremo, que é Deus, estas poderão ser resistidas. Para Calvino, o governante deve servir ao povo, e não se servir do povo. Os calvinistas posteriores se apropriarão desta percepção encontrada na teologia de Calvino, e a desenvolverão. Surge daí uma visão nova na compreensão política ocidental: a possibilidade de resistência aos governantes, caso estes deixem de cumprir devidamente suas responsabilidades para com o povo. Tal compreensão é novidade na história das ideias políticas, e constitui-se em contribuição do protestantismo para a modernidade.

5. PROTESTANTISMO E MODERNIDADE NAS ARTES VISUAIS

Por fim, apresentar-se-á a relação do protestantismo com a modernidade no campo das artes visuais, isto é, a pintura. A partir da Reforma Protestante encontra-se considerável mudança nas artes. Não se pode falar de uma “arte protestante”. Mas é



possível identificar influências teológicas protestantes na arte ocidental. A este respeito, há que se lembrar da influência do princípio calvinista da vida no mundo como espaço onde se manifesta a glória de Deus e do anteriormente mencionado princípio luterano do sacerdócio universal de todos os crentes. A teologia calvinista terá as artes, notadamente as visuais, em alta conta. Calvino, por exemplo, afirmará que a arte se constitui em dom de Deus que ajuda o homem no estado depressivo da vida (KUYPER, 2002, p. 160).

Os princípios terão influência nas artes visuais do século XVII, em pintores como Johannes Vermeer (1632-1675) e Frans Hals (1580? 1585-1666), que apresentarão em suas obras cenas do cotidiano e gente simples, pessoas comuns. Eis aí forte contraste com a pintura medieval e renascentista, que privilegiava cenas bíblicas e passagens inspiradas na antiguidade clássica e da mitologia greco-romana. Frans Hals foi um dos primeiros, ou talvez o primeiro mesmo, a pintar pessoas sorrindo. As pessoas retratadas por Hals têm olhar calmo, sereno e tranquilo. Impossível não ver aí um reflexo da teologia reformada veiculada no Catecismo de Heidelberg, de 1563, que Hals certamente conhecia. Este catecismo em sua primeira pergunta e resposta fala do consolo e da segurança que o cristão, em Cristo, tem na vida e na morte¹⁷. Esta segurança se traduz visualmente na expressão de calma, serenidade e tranquilidade das pessoas sorridentes de Hals. A pintura que passa a privilegiar cenas do cotidiano é uma tradução visível da compreensão protestante de não haver distinção entre sagrado e profano, e que há igualdade entre todos os seres humanos. Não apenas os nobres e importantes merecem ser retratados pelos pintores, mas também a gente simples e comum do povo. Ademais, há que se lembrar que o protestantismo posterior produzirá uma reflexão teórica na interface entre estética filosófica e teologia. *Inter alia*, podem ser citados, WOLTERSTORFF (1987), SEERVELD (1995) e (ROOKMAAKER (2015).

¹⁷ Para o texto completo do Catecismo de Heidelberg, consultar
< http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_heidelberg.htm >



CONCLUSÃO

O protestantismo contribuiu para a modernidade ocidental em vários e diferentes aspectos da vida. Mas tem também passagens sombrias e páginas tristes de uma história de intolerância e violência, como a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e, mais recentemente, com o surgimento do fundamentalismo, nascido em berço protestante nos Estados Unidos no início do século passado. Uma avaliação da contribuição do protestantismo para a modernidade que minimamente tente ser equilibrada não poderá esquecer que houve também retrocessos e atrasos na caminhada deste movimento religioso.

Ao mesmo tempo, será necessário lembrar um fato inegável: o protestantismo mudou para sempre a história do Ocidente. Para o bem ou para o mal, o protestantismo, ao desfazer a barreira entre sagrado e profano, plantou as sementes da secularização no tecido da cultura ocidental. O protestantismo também influenciou definitivamente o surgimento da democracia moderna, fato que inspirou, por exemplo, a escritora somali Ayaan Hirsi Ali, que já foi muçulmana, a defender a ideia – ousada – que o Islã precisa de uma reforma, nos moldes do protestantismo (ALI, 2015).

No ano em que se comemora o primeiro meio milênio de história do protestantismo, é importante conhecer seu legado, sem ufanismo, triunfalismo ou soberba, e aplicar seus princípios positivos na nossa sociedade brasileira, tão carente de justiça e esperança.

REFERÊNCIAS

ALI, Ayaan Hirsi. **Herege**: por que o Islã precisa de uma Reforma imediata. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALTHUSIUS, Johannes. **Política**. São Paulo: Topbooks, 2003.

ARMSTRONG, Karen. **Campos de Sangue**: religião e a história da violência. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A Revolução Inglesa**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BAINTON, Roland. The Left Wing of the Reformation. **The Journal of Religion**. 21, N. 2. (Apr., 1941). Chicago: The University of Chicago Press.



CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. The Public Theology of John Calvin. **Ciências da Religião: História e Sociedade**. Vol. 7, No. 2, 2009.

CATECISMO DE HEIDELBERG. **Monergismo**. Disponível em <http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_heidelberg.htm>.

SÃO CIPRIANO DE CARTAGO. Sobre a unidade da Igreja. **Ecclesia**. Disponível em <https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_cipriano_sobre_a_unidade.html#6>.

COMENIUS. **Didática Magna**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas, 2007.

EBY, Frederick. **História da educação moderna**. Porto Alegre: Globo, 1962.

HILL, Christopher. **A Revolução Inglesa de 1640**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1983.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

LOPES, Edson Pereira. **O conceito de pedagogia e teologia na Didática Magna de Comenius**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

LOPES, Edson Pereira. **A educação na primeira infância na perspectiva de Comenius**. São Paulo: SALTA, 2015.

LUTERO, Martinho. **Catecismo Menor**. Disponível em <<http://celcre.tripod.com/catecism.htm>>.

LUTERO, Martinho. À nobreza cristã da nação alemã, acerca do melhoramento do estado cristão. In **Pelo evangelho de Cristo**. Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. São Leopoldo: Sinodal. Porto Alegre: Concórdia, 1984.

LUTERO, Martinho. Obras Selecionadas. Volume 1. **Os Primórdios. Escritos de 1517 a 1519**. São Leopoldo: Sinodal. Porto Alegre: Concórdia, 1987.

MENDONÇA, Antonio Gouvea. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

OBERMAN, Heiko. **Luther: Man Between God and Devil**. New York: Image [1982] 1992.

PERRY, Marvin. **Civilização Ocidental**. Uma história concisa. 3a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2002

POWER OF THE KEYS. **Catholic Encyclopedia**. New Advent. Disponível em <<http://www.newadvent.org/cathen/08631b.htm>>.

PROSPERI, Adriano. **Lutero**. Glianni della fede e della libertà. Milano: Mondadori, 2017.

ROOKMAAKER, Hans. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Viçosa: Ultimato, 2015.



SEERVELD, Calvin. **A Christian Critique of Art and Literature**. Toronto: Tuppence Press, 1995.

SETE SACRAMENTOS DA IGREJA. **Catecismo da Igreja Católica**. Compêndio. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em <[http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html#OS SETE SACRAMENTOS DA IGREJA](http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html#OS%20SETE%20SACRAMENTOS%20DA%20IGREJA)>.

SILVESTRE, Armando A. **Calvino – o potencial revolucionário de um pensamento**. São Paulo: Vida, 2008.

VOLKMANN, Martin. Lutero e educação. Reflexões em torno de Lutero. **Portal Luteranos**. 01/09/1984. Disponível em <<http://www.luteranos.com.br/textos/lutero-e-educacao>> Acesso em 02 nov 2017.

WILLIAMS, George Huntston. **The Radical Reformation**. 3. ed. Edition. Kirksville: Truman State University Press, 2000.

WOLTERSTORFF, Nicholas. **Art in Action**. Towards a Christian Aesthetics. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

